



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

SUÊNIO BORGES SANTOS

**O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS REMOTOS EM
TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL**

CAMPINA GRANDE

2020

SUÊNIO BORGES SANTOS

**O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS REMOTOS EM
TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira

CAMPINA GRANDE

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237e Santos, Suênio Borges.

O ensino de filosofia e os desafios remotos em tempos de distanciamento social [manuscrito] / Suênio Borges Santos. - 2020.

44 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.

"Orientação : Prof. Dr. Valmir Pereira, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Ensino de filosofia. 2. Educação. 3. Neoliberalismo. 4. Distanciamento social. I. Título

21. ed. CDD 107

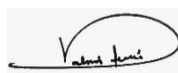
SUÊNIO BORGES SANTOS

O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS REMOTOS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Aprovada em: 28/09/2020.

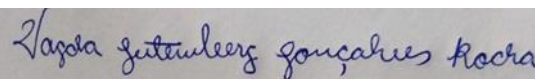
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dr^a. Gilmaria Coutinho Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dr^a. Vagda Gutemberg da Rocha
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho de Conclusão de Curso a minha amada esposa: Dayane da Silva Lima, pelo apoio, cuidado e paciência. Aos meus filhos: Suênio Lucas, Maria Clara e também em especial a Cecília Gabriela, a caçula que nesta última semana de elaboração deste TCC, se isolou comigo para assim ser minha companhia em pleno Isolamento Social.

AGRADECIMENTOS

Estamos chegando à etapa final de uma oportunidade construída pela força de vontade e discernimento de que estudar amplia o nosso conhecimento e com isso chegaremos onde este conhecimento nos levar. Obrigado ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba e meu orientador Prof. Dr. Valmir Pereira e a todos os docentes que neste processo de caminhada foram capazes de nos guiar pelo caminho da Filosofia da Educação. A todos vocês o meu muito obrigado. A cada um dos companheiros e companheiras da turma muito obrigado pelo incentivo de que nunca deveríamos desistir, mesmos com as dificuldades enfrentadas no dia a dia além do trabalho e os estudos a relação de amizade nos fortaleceu para irmos em busca da conclusão do curso. Aos meus pais, a minha família: esposa que muito me incentivou para que pudesse fazer o curso, aos meus filhos que crescem na presença de um pai que busca cada dia o aperfeiçoamento do aprender para com isso ensinar as pessoas, o meu muito obrigado.

O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS REMOTOS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

Suênio Borges Santos¹

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade discutir a importância do Ensino de Filosofia na construção do conhecimento, que concebe a Filosofia da Educação como mecanismo indispensável para relação de interdisciplinaridade nas diversas ciências ou áreas do conhecimento. Diante desta relação, podemos compreender que o desenvolvimento intelectual de uma nação está intimamente ligado ao investimento na educação. Em nosso contexto social, inúmeras dificuldades corroboram para o sucateamento da educação básica na rede pública de ensino. Dentre elas, podemos destacar as políticas neoliberais que emergem do sistema capitalista que vem a cada dia destruindo o ensino gratuito e valorizando o ensino privado. A Filosofia da Educação vem neste sentido ajudar os docentes a se fortalecer no amplo acesso ao processo transformador educação. Mesmo em tempos em que o mundo é vitimado por um vírus letal, fazendo a população se isolar em suas casas, a educação é capaz de romper a escuridão e levar aos alunos a busca do conhecimento. O corona-vírus COVID-19, levou a sociedade brasileira a mudança das aulas presenciais em remotas, para que a educação não parasse definitivamente, enquanto o país não encontre uma vacina para combater definitivamente essa pandemia. Nesta perspectiva de aulas remotas, estudaremos a relação dos professores e alunos do ensino médio, do turno da tarde, da Escola Estadual de E. Fundamental e Médio Des. Arthur Virgínio de Moura, da cidade de Matinhas, Paraíba, durante esse período de aulas remotas.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Educação. Neoliberalismo. Distanciamento Social.

¹ Professor de História formado pela UFCG e professor de Filosofia pela UEPB. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9744299610020663>

ABSTRACT

The purpose of this work is to discuss the importance of Philosophy Teaching in the construction of knowledge, which conceives the Philosophy of Education as an indispensable mechanism for an interdisciplinary relationship in the various sciences or areas of knowledge. Given this relationship, we can understand that the intellectual development of a nation is closely linked to investment in education. In our social context, several difficulties corroborate the wrecking of basic education in the public education network. Among them, we can highlight the neoliberal policies that emerge from the capitalist system that has been destroying free education and increasing the value of private education. The Philosophy of Education helps teachers to strengthen their access to the transformative process of education. Even in times when the world is victimized by a lethal virus, causing the population to isolate themselves in their homes, education is capable of breaking through the darkness and leading students to the pursuit of knowledge. The corona-virus COVID-19 led Brazilian society to change how classes are given, transitioning to virtual instruction. In this perspective of virtual classes, we will study the relationship between teachers and students of Arthur Virgínio de Moura School, a public school of the city of Matinhas, Paraíba.

Key-words: Philosophy teaching. Education. Neoliberalism. Social distancing

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. NEOLIBERALISMO E O FORTALECIMENTO DO SISTEMA CAPITALISTA NA ATUALIDADE	12
2.1. Neoliberalismo e educação	15
3. A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E OS SEUS DESAFIOS	18
3.1. A Filosofia e a relação com a educação	20
3.2. Breve histórico do novo Coronavírus – COVID-19	21
3.3. Desafios da educação, durante o período das aulas remotas	22
4. METODOLOGIA.....	24
4.1. Tipo de Estudo.....	24
4.2. Coleta de dados.....	25
4.3. Procedimentos e instrumentos da pesquisa.....	26
5. ANÁLISE DE DADOS	26
5.1. Análise de dados: questionário dos docentes.....	27
5.2. Análises de dados: questionário do(a)s aluno(a)s.....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE 1	44
APÊNDICE 2	45
APÊNDICE 3	46

1. INTRODUÇÃO:

Este estudo surge, a partir de uma indagação, de como o ensino de Filosofia é tão importante para os alunos quanto para um maior conhecimento por parte dos docentes que interagem com a Filosofia da Educação. Sou professor formado em História e leciono há mais de 14 anos na rede Pública, como também recém-formado numa segunda licenciatura, Filosofia. Assim, estou lecionando tanto a História como a Filosofia. Neste sentido, buscamos uma interação do conhecimento para facilitar a compreensão da aprendizagem.

Para os que conhecem de perto, a Filosofia tem o papel, no ensino, de no mínimo despertar nos estudantes um novo olhar para o mundo. Porém, o primeiro papel do professor de filosofia seria o de desmistificar a negação da filosofia, passada de geração para geração. É uma disciplina muito importante, por isso no Golpe Militar no Brasil em 1964, foi banida do ensino público, por não atender os interesses econômicos e ideológicos da política vigente.

Esta filosofia não traz respostas, ao contrário, deve levar o aluno a perguntar-se, e muitas vezes está há margem desta sociedade. Enfim, questionamentos que aos olhos de todos pode ser ignorado, rejeitado e não aceito. Mas diante de uma sociedade profundamente em crise, das mais diversas, somos desafiados a inverter a lógica.

A cada dia, novos “mecanismos” são utilizados para uma renovação da aprendizagem. Neste sentido, há uma grande necessidade do docente se capacitar e buscar novas formas para despertar o desejo de conhecer pelos seus alunos. Basta observarmos o que ocorreu do final de 2019 até a atualidade, em que a humanidade se deparou pelo “ataque” silencioso de um vírus denominado COVID – 19. Saindo de uma cidade asiática, aos poucos foi avançando para todos os continentes, através da contaminação de ambientes e pessoas. O que antes só víamos através de notícias nas mídias e filmes, agora estamos tão perto daquilo que é invisível aos nossos olhos, mas que pode estar em qualquer lugar. Gerando morte e acima de tudo medo. Medo de saber como o nosso corpo irá reagir diante da contaminação do COVID-19.

Tendo em vista todos os procedimentos de tratamento serem uma incógnita, pois ainda não tem um tratamento eficaz para o combate ao Corona-vírus. O que fazer então? A prevenção. Prevenir ainda é o melhor remédio. Neste sentido, ações de Estados foram tomadas para conter o avanço deste vírus. Tais medidas para garantir a vida em primeiro lugar. Uma das mais importantes foi o isolamento social. Fechando escolas, repartições públicas, comércios, serviços, hotéis, shopping, galerias, praças, e tudo aquilo que gerasse

aglomeração de pessoas. O ano de 2020 a partir de março, tem mudado drasticamente, tudo passou a ser resolvido da sua própria casa. A casa passou de um ambiente familiar para um ambiente multifuncional.

Trazendo para o campo da educação, voltado para o Estado da Paraíba, as escolas paralisaram suas atividades a partir de 19 de março de 2020. No mês de abril, iniciou-se uma formação remota através de uma plataforma digital para tentar “salvar” o ano letivo. Com isso, professores foram “formados” para iniciar aulas remotas, e a partir do mês de maio trabalhar com os alunos, os conteúdos, mas de forma online, remotamente.

É nesse contexto que este estudo, tem como justificativa o interesse de levar a educação como sendo algo importante para a ampliação do conhecimento dos alunos, mesmo em tempos difíceis. Suscitando assim no jovem, o desejo ou curiosidade de aprender a pensar, mesmo nos tempos difíceis em que vivemos. A busca do pensar e do questionar este mundo, no processo de reflexão para modificar os problemas da realidade cotidiana.

Torna-se relevante, esse estudo, tendo como base o conhecimento da Filosofia da Educação, seus propósitos na educação escolar, e justifica-se a pesquisa pela contribuição do que irá apresentar sobre o como enfrentar os problemas do ensino de filosofia a partir dos teóricos estudados, como apresentará as dificuldades pedagógicas no ensino de filosofia e as soluções encontradas pelos docentes para tornar a filosofia prazerosa.

Para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, partimos do seguinte questionamento: É possível fazer a educação caminhar mesmo com as dificuldades trazidas pelo ensino remoto?

Para tentar resolver esse problema, o referido estudo tem como objetivo geral: Discutir a importância do ensino de Filosofia na educação, na construção da relação entre o ensino e a aprendizagem, mesmo em situações diversas que fragilizam tal processo. E como objetivos específicos: Refletir sobre o Neoliberalismo e o fortalecimento do sistema capitalista na atualidade que prejudicam uma educação voltada para o conhecimento, fortalecendo a técnica; analisar as políticas educacionais tendo em vista um maior domínio da Filosofia da Educação e a sua importância para o conhecimento. Compreender como a Filosofia da educação pode nos ajudar no tocante ao que estamos vivendo hoje em relação as aulas remotas.

Nesta perspectiva estudaremos algumas obras relevantes no tocante ao papel do filósofo, do ensino de filosofia e da Filosofia da Educação, como: Basbaum (1978)

Luckesi (1994), Lipman (2002), Saviani (2000), Zanglelini (2001), Ball (2014), entre outros autores. Trataremos de pesquisa bibliográfica e de análise de dados para acompanhar o ensino de filosofia na atualidade. Levando a cabo a ideia de uma educação que instiga a reflexão filosófica.

2. NEOLIBERALISMO E O FORTALECIMENTO DO SISTEMA CAPITALISTA NA ATUALIDADE

Ao analisarmos as ideias neocolonialistas que visam o engrandecimento do sistema capitalista contemporâneo, podemos perceber como interferem e afetam o sistema educacional, principalmente no Brasil. Isso pode ser percebido na obra de Hobsbawm, ao afirmar que:

A destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às gerações passadas, é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. (HOBSBAWN, 1995, p. 13)

Essas palavras do historiador Eric Hobsbawm (1917-2012) oferecem, mesmo que há mais de 20 anos, amplos temas para nossa reflexão sobre os rumos do conhecimento em que estamos vivendo na atualidade, em decorrência das políticas voltadas para o fortalecimento do sistema capitalista. Esta passagem de sua obra alerta para a possibilidade, muito próxima, de uma inimaginável alienação coletiva de resultados imprevisíveis.

O poderoso círculo da globalização econômica mundial, embora comporte culturas e formas de resistência, estreita –se cada vez mais e as diferenças absolutas são relativizadas e o imperialismo do mercado, sob a linguagem do neoliberalismo, tudo reduz à sua lógica. Nesta perspectiva, o esquecimento é uma arma poderosa nesse movimento que, não ingenuamente, promove pela mídia internacional e principalmente a mídia manipulada local, com espetáculos regionais – originalmente fruto de reações à cultura dominante, tornando-os produtos consumíveis. Hoje, “mais do que nunca”, instaurou –se o domínio do “presenteísmo”, principalmente baseados em *fake News*, como se nisso não houvesse o perigo das interpretações ideológicas ou construções explicativas descontínuas.

No Brasil atual, observa-se a desqualificação do passado, principalmente como experiência político – social, absorvidas até por grupos influentes de intelectuais como

um conjunto de discurso dominados por improbabilidades, inverdades, versões e memórias.

O presente passou a explicar-se a partir de si mesmo. O perigo de ignorar o passado público pode também acarretar a perda da visão dialética da História e da vontade política que leva à crítica e à construção de projetos futuros.

Como observamos, a construção do capitalismo se dá pela forte desigualdade econômica em nossa sociedade, ganhando a cada dia ou a cada ciclo, contornos e feições em cada conjuntura histórica. Como aprendemos, os meios de produção são estruturantes para essa desigualdade.

Na formação do sistema capitalista, classes sociais distintas se estruturaram e com base nelas estruturou-se também uma forma de viver e de consumir. Essa divisão estabeleceu uma separação entre aqueles que produzem mercadorias e os que não tem. Este capitalismo que faz surgir e até fortalecer o Liberalismo onde não existe a intervenção econômica do Estado na economia. Neste sentido o filósofo Karl Marx (1818-1883), afirma que essas relações não são apenas uma relação econômica, mas também social. A divisão entre classes sociais impõe uma forte desigualdade social:

A divisão social do trabalho faz confrontar-se produtores independentes de mercadorias, os quais não reconhecem outra autoridade além da concorrência, além da coação exercida sobre eles pela pressão dos recíprocos interesses, do mesmo modo que no reino animal a guerra de todos contra todos, o bellum omnium contra omnes, preserva mais ou menos as condições de existência de todas as espécies. O mesmo espírito burguês que louva, como fator de aumento da força produtiva, a divisão manufatureira do trabalho, a condenação do trabalhador a executar perpetuamente uma operação parcial e sua subordinação completa ao capitalista, com a mesma ênfase denuncia todo controle e regulamentação sociais conscientes do processo de produção como um ataque aos invioláveis direitos de propriedade, de liberdade e de iniciativa do gênio capitalista (MARX, 1996, p. 408, grifos nossos).

No século XIX, observamos um amadurecimento das ideias liberais, no sentido que Adam Smith (1723-1790) que propôs um modelo em que os estados se auto regulam sem as intervenções dos sujeitos, em que o indivíduo está fadado ao seu próprio destino e não há nenhum tipo de interferência do Estado que possa reorganizar as suas ações. Com isso, os mercados econômicos se alto regulamentavam com suas ações econômicas. Ou seja, um “modelo” liberal. Um liberalismo clássico, mas apurado.

Por que os indivíduos eram os culpados pela sua própria sorte? Podemos buscar essa resposta no darwinismo social, uma defesa dos pensadores do Século XIX na interpretação da obra de Charles Darwin (1809-1882): *A origem das espécies*, afirmando

em sua teoria que a evolução das espécies acontece a partir da eliminação das mais fracas pela mais fortes. Ou seja, o Estado liberal seguindo esse modelo do darwinismo não deveriam investir nas vidas das pessoas com medidas sociais. Ocorrendo essa intervenção, o Estado estaria contra a teoria de Charles Darwin, os mais bem misturados aos mais fracos prejudicariam as raças.

Em 1929, com a crise do sistema capitalista iniciado nos Estados Unidos e em seguida afetou toda economia ocidental. Observa-se medidas contrárias ao liberalismo e políticas de intervenção do Estado na economia começam a ser praticadas inclusive de políticas sociais para tirar o país e as pessoas da crise.

Porém, como neste sistema capitalista, no período principal do *Taylor-fordismo* (início do Sec. XX até meados das décadas de 1970), observa-se um forte tipo de Estado que dava suporte, como o de Bem-Estar Social, por causas das conquistas políticas e sociais da classe trabalhadora, estabeleceu leis trabalhistas, de regulamentação da jornada de trabalho, e outras conquistas que protegiam os trabalhadores.

Este fator conhecido como *Toyotismo* não foi igual em todo mundo, cada sociedade teve a sua particularidade. Esse modelo de reestruturar a produção cumpriu seu papel histórico de organizar a sociedade a partir de políticas sociais desenvolvidas pelo Estado. Porém, essas medidas diferentes das medidas de intervenção total (endividamento com as ações sociais) que ocorreram na política de Bem-Estar social, logo após a Crise de 1929. Agora, políticas de “meio termo”, foram desenvolvidas e colocadas em práticas. Ou seja, o Estado passa a intervir periodicamente na economia, realizando políticas públicas “localizadas”. A essa transformação damos o nome de Neoliberalismo. Onde o Estado não intervém por total e sim parcial. O neoliberalismo nada mais é do que o liberalismo repaginado.

Podemos caracterizar as principais metas a serem alcançadas pelo Estado Neoliberal como elencar o que o governo brasileiro tenta implantar: governo mínimo, com cortes no número de servidores públicos; privatizações de estatais e transferências das questões econômicas para o estado; alterações das leis trabalhistas com perdas e garantias, permitindo a intensificação da exploração do trabalho; livre circulação de capitais internacionais.

2.1. Neoliberalismo e educação

Na própria questão da educação, onde observamos a educação pública na contramão e na desvalorização do Estado, enquanto a educação privada observa-se um vasto investimento.

No que se refere a educação, podemos refletir sobre a obra de Stephen Ball, abordando alguns fatores globais que interligam a globalização mundial como Neoliberalismo e redes de políticas. A educação para essa conjuntura global seria um grande negócio.

Ocorrendo nos últimos trinta anos, os estudos que de certa forma lançaram mão de problematizações, questionando assim na atualidade: o neoliberalismo, o Estado e principalmente a globalização. Reflexões estas que impactam a globalização nas políticas da educação. O nosso próprio presente seria então refletido a partir desses três problemas apresentados anteriormente.

[...] o neoliberalismo está “aqui dentro” bem como “lá fora”. Ou seja, o neoliberalismo é econômico (um rearranjo das relações entre o capital e o Estado), cultural (novos valores, sensibilidades e relacionamentos) e político (uma forma de governar, novas subjetividades). [...] em um sentido paradoxal, o neoliberalismo trabalha a favor e contra o Estado de maneiras mutuamente constitutivas. Ele destrói algumas possibilidades para formas mais antigas de governar e cria novas possibilidades para novas formas de governar (BALL, 2014, p. 229).

A obra analisada de Stephen Ball *Educação Global S.A.*, seria de grande importância para compreendermos esse neoliberalismo na educação, aprofundando nas políticas globais de como funciona a educação impactada como redes de negócios, nos países como o Brasil, estes sendo vítimas do “neoliberalismo”. Programas tão bem elaborados que fortalecem as ações desenvolvidas no fortalecimento de uma educação capitalista que visam uma qualidade da educação privada e uma desvalorização da educação pública.

Segundo Ball “[...] tanto as relações materiais quanto as sociais envolvidas, que são, ao mesmo tempo, o foco neomarxista sobre a economização da vida social e da criação de novas oportunidades de lucro” (BALL, 2014, p. 25.). No discurso neoliberal, a educação ou as políticas desenvolvidas foram baseadas no positivismo, uma forte hierarquização dos corpos. Onde na sala de aula não há espaço para reflexões e sim uma transmissão de conhecimento. O professor, aquele que transmite o conhecimento, o aluno aquele que recebe. O Sistema Capitalista que “produz” a escola que não gera reflexão,

uma escola burguesa que determina os seus conteúdos. Uma mera reprodutora da classe dominante. Basta vermos as políticas atuais na educação básica com a valorização do ensino técnico. O aluno devendo sair da educação básica preparado para atuar como mão de obra nas fabricas e indústrias. Um grande fortalecimento “mecânico” do aluno.

Com essa força neoliberal, o país se vê com as suas políticas sociais sucumbir com grande impacto da internacionalização do Estado. Na educação não é diferente, pois as ações são substituídas por políticas de cunho global como mera mercadoria a ser vendida para os alunos.

[...] novas redes e comunidades de políticas estão sendo estabelecidas conforme os discursos neoliberais e o conhecimento fluem e ganham legitimidade e credibilidade. Estes são os novos agenciamentos de políticas com uma gama de participantes novos e velhos existentes em um novo tipo de espaço de políticas em algum lugar entre agências multilaterais, governos nacionais e negócios internacionais, dentro e além dos locais tradicionais e de circulação e formulação de políticas (BALL, 2014, p. 220).

Lucro global, as políticas educacionais como mercadorias um negócio, comercializado por grandes empresas nacionais ou internacionais. A educação como “balcão” de negócio. Com todos esses problemas apresentados por este sistema neoliberal o discurso é que a escola está em crise porque não existe essa educação pública voltada para a competitividade, com uma defesa de uma educação competitiva. O sistema privado, segundo esse sistema, teria medidas mais ágeis de resolver os problemas da educação. “[...] retirando os serviços do controle do setor público, mas sim por meio da venda de soluções políticas e vias de colaboração de vários tipos com o setor público, embora algumas sejam mais significativamente colaborativas do que outras” (BALL, 2014, p. 162).

A influência desta globalização é tão marcante no caso do Brasil, como a própria construção da BNCC, Base Nacional Comum Curricular. Pois logo após a derrubada da presidente Dilma Rousseff (Presidenta da República do Brasil, reeleita em 2014) no ano de 2016, por meio de um Golpe, o novo governo articulou-se para modificação das cadeiras do Conselho Nacional de Educação, retirando alguns acentos da sociedade Civil Organizada e aumentando a presença das universidades privadas com o intuito de ter o controle das decisões deste importante conselho. Conforme noticiado no *site* da Associação Nova Escola em 06 de julho de 2016, autora Anna Rachel Ferreira, que publicou:

O presidente interino Michel Temer revogou, em dia 27 de junho, decreto da presidente afastada Dilma Rousseff em que eram nomeados 12 membros para o Conselho Nacional de Educação (CNE). A medida foi bastante criticada e gerou grande expectativa sobre quem assumiria as vagas. A demora poderia

impactar questões importantes, como o avanço da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Não levou muito tempo nem mudou tanto. Os novos nomes foram publicados no dia 4 de julho. Na nova lista, há uma ausência significativa. Maria Izabel Azevedo Noronha, presidente do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), não foi substituída por nenhum outro nome de representatividade sindical. Também aumentou, levemente, o número de representantes das universidades privadas na Câmara de Educação Superior. A maioria dos membros era ligada a instituições públicas e agora as particulares prevalecem. (...). (FERREIRA, 2016)

A Base Nacional Comum Curricular consiste em ser uma educação em prol do caráter normativo, que tem como objetivo definir um conjunto de progressões da aprendizagem, sendo necessário o envolvimento de todos os alunos, sem qualquer exceção, não apenas nas etapas que estarão sendo desenvolvidas, como em qualquer modalidade da Educação Básica. De acordo com a LDB 9.394/1996 (Lei de diretrizes e bases da educação Nacional),

A Base deve estabelecer os conhecimentos, as habilidades e as competências que se acreditam que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. A BNCC deve, de certa forma, fazer com que essa garantia que estabelecida na LDB 9394/96 aconteça, sendo uma forma também de fortalecimento do regime de colaboração das três esferas do governo. Esta Base tem como ponto principal os princípios éticos, políticos e estéticos criados pelas Diretrizes Curriculares existentes na Educação Básica Curricular, cujo ponto de partida é dar um sentido de direção para a educação básica. A essa base somam-se o intuito de uma formação humana integral e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

No ano de 2018, o Ministério da Educação apresentou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino médio. O documento servirá de referência para todas as escolas do país. Esta BNCC, produzida e elaborada pelo governo, onde a participação e consulta dos que estão à frente da educação, no caso os professores, se deu em um único processo final como consulta pública, a construção e conclusão foi através de mobilização para que os professores pudessem analisar em apenas pouco tempo a BNCC. Sentimos falta dos fóruns e plenárias de construções em um governo democrático. Não é preciso demorar muito para perceber que as ideias construídas sobre a educação e as mudanças que ocorreram pela BNCC ainda se encontram no escuro.

3. A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E OS SEUS DESAFIOS

Sabemos que historicamente, a Filosofia é uma das “ciências” mais antigas da humanidade. Na própria etimologia da palavra é o “amor” a busca da sabedoria, do conhecimento que nos liberta e que nos transforma na modificação do “ser”. A partir dela para o ocidente, todas as outras ciências são conhecidas. Ela, a filosofia abre o “portal” do conhecimento para a fundação das outras ciências, segundo a epistemologia Ocidental. Este esforço que o ser humano faz é um corpo de conhecimento na compreensão do seu mundo. Dando assim um sentido, ou melhor, um significado a sua existência. Mas não qualquer conhecimento. E sim, um conjunto coerente e organizado sobre a realidade que nos cercam. Conforme apresenta Luckesi:

A Filosofia se manifesta ao ser humano como uma forma de entendimento que tanto propicia a compreensão da sua existência, em termos de significado, como lhe oferece um direcionamento para a sua ação, um rumo para seguir ou, ao menos para lutar por ele. Ela estabelece um quadro organizado e coerente para o agir. Nós não “agirnos por agir”. Agimos por uma certa finalidade, que pode ser mais ampla ou mais restrita [...] (LUCKESI, 1994 p. 23, Grifos nossos)

É a partir das finalidades amplas pelo qual o ser humano é guiado no caminho da Filosofia dando sentido ao próprio existencialismo. Buscando o bem da sociedade, guerreando contra os grandes “poderes saberes” na defesa dos oprimidos, como povo emancipado. Observamos assim a própria definição que Georges Politzer (1903-1942) apresenta sobre a Filosofia: “[...], como uma concepção geral do mundo da qual decorre uma forma de agir” (POLITZER, s/d. p. 15). Só podemos agir no mundo a partir de uma compreensão da nossa realidade. Ninguém caminha no escuro, pois aqueles que caminharam se depararam com um buraco. A filosofia é a luz que nos ilumina em qualquer situação do nosso agir. Um agir consciente e solidário.

Nada deve ser inútil, nem mesmo uma poesia. Devemos repelir qualquer ideia de que a filosofia seja um quadro exposto a contemplação passiva do homem, [...]. A filosofia é, antes de mais nada, em primeiro lugar e acima de tudo, uma arma, uma ferramenta, um instrumento de ação com a ajuda da qual o homem conhece a natureza e busca o conforto físico e espiritual para a vida. Se o homem realmente se destaca dos outros animais pela amplitude e profundidade do seu pensamento, se tudo o que realizou, desde que, saindo da selvageria, começou a construir o que chamamos de civilização, foi a concretização desse pensamento, que, evoluindo, se transformou, através do tempo e do espaço; não há dúvida de que esse pensamento, mobilizando os dedos de sua mão, é a sua principal arma na conquista da natureza e, portanto, da sua liberdade (BASBAUM, 1978 p. 315)

No entanto, no Brasil, vivenciamos um período de “escuridão” na história política, de 1964 a 1985. Período este, segundo a História, de medo, de perseguição e de retrocesso. A filosofia, uma das disciplinas trabalhadas na educação, foi a mais prejudicada pelo sistema: perseguida, calada, violentada e proibida. Ou seja, expulsa da educação pública. A disciplina que levava ao jovem a pensar, a questionar e a se libertar. Nesse período a filosofia permaneceu no calabouço da clandestinidade. Utilizando até o pensamento do filósofo Kant (1724-1804), onde ele afirma ser bastante importante o processo do filosofar, que levaria o indivíduo a sua maioridade, estando este ligado ao processo de esclarecimento, ou seja, aquele capaz de pensar e agir conforme a capacidade intelectual. Não sendo manipulado por ninguém. Neste sentido, não se ensinaria filosofia, mas a filosofar.

A filosofia passou por quase quarenta anos de exclusão da Rede Pública do Brasil. Quando retornou ao currículo do ensino médio, através de uma lei sancionada pelo presidente em exercício o Sr. José de Alencar (1931-2011) em 2010. Por causa da situação de exclusão da Filosofia no ensino, enquanto se formavam nas universidades uma quantidade enorme de licenciados para outras disciplinas, a filosofia limitava-se apenas a futuros padres ou adeptos a filosofia. Ou seja, eram poucos os professores formados para lecionar quando do retorno desta, a Educação Básica pública. Muitos foram os professores de outras especialidades sem nenhum conhecimento da Filosofia para lecionar, ocupando o espaço de construção do conhecimento. Este conhecimento, bem apresentado por Leôncio Basbaum (1907-1969) que afirma em sua obra:

[...], a filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida. Ela é, ao contrário, a própria manifestação da vida humana e a sua mais alta expressão. Por vezes, através de uma simples atividade prática, outra vez no fundo de uma metafísica profunda e existencial, mas sempre dentro da atividade humana, física ou espiritual, há filosofia (...). A filosofia traduz o sentir, o pensar e o agir do homem. Evidentemente, ele não se alimenta da filosofia, mas, sem dúvida nenhuma, com a ajuda da filosofia (BASBAUM, 1978 p. 21)

Nesta referência podemos perceber quanto é valioso a Filosofia e quanto é importante o professor de filosofia ser formado na área, para a partir das suas aulas ser capaz de ajudar o aluno a compreender e entender a vida que o cerca.

Percebemos então, após 2010, muitas discussões nos cursos de filosofia sobre essas dificuldades de se ter professores qualificados em sala de aula e que de fato dominassem o conteúdo de Filosofia ou até mesmo a capacidade de filosofar com os

alunos. Como ainda na própria prática docente e discussões com os professores nas instituições públicas, veio a necessidade de estudar melhor estas dificuldades do ensino de filosofia para uma maior compreensão e desejo pelo conhecimento que a filosofia nos propicia quando passamos a beber das fontes filosóficas.

3.1. A Filosofia e a relação com a educação

A filosofia da educação é o conhecimento mais antigo dessa interlocução, sendo fruto do método do diálogo que se estabelece entre Filosofia e Educação. Contrariamente à História e a Sociologia, não é uma ciência no sentido moderno do termo, mas uma disciplina nos currículos.

Desde a origem da Filosofia com os gregos no século IV a.C., segundo a visão ocidental e eurocêntrica, há uma relação íntima com a educação. Desenvolvidas por Sócrates (~469-399 a. C.) e Platão (428-348 a. C.) com uma consciência profunda acerca da “complexidade das questões sociais humanas”. A educação que podemos caracterizar por aquilo que é desenvolvido pelo homem, ou seja, uma finalidade onde queremos chegar.

A educação desenvolvida dentro da sociedade não se manifesta como um fim, mas como uma forma de modificar a partir das transformações desta sociedade. O que distingue o ser humano e os outros animais é a capacidade desenvolvida de sua racionalidade que vai além da mera existência. Assim, são capazes de produzir coisas que só encontramos a partir das ações humanas como a política, a arte, a própria questão da cultura. Neste sentido, a importância da relação com a filosofia para guiar nos conceitos e pressupostos que orientam o seu caminho. As relações entre Educação e Filosofia são quase “naturais”, afirma Luckesi (1994, p.31), enfatizando que “enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade”. A Filosofia seria o processo de reflexão das ações que modificaram a sociedade a partir da Educação. Como afirma Luckesi:

Nas relações entre Filosofia e educação só existem realmente duas opções: ou se pensa e se reflete sobre o que se faz e assim se realiza uma ação educativa consciente; ou não se reflete criticamente e se executa uma ação pedagógica a partir de uma concepção mais ou menos obscura e opaca existente na cultura vivida do dia-a-dia - e assim se realiza uma ação educativa com baixo nível de consciência (LUCKESI, 1994, p.15).

É tarefa da Filosofia da Educação contribuir para o fortalecimento da intenção da prática educacional, a partir de sua própria construção em ato, como presença atuante num determinado tempo histórico. Fortalecer a prática educacional é dar-lhe condições para se realizar como prática, ou seja, ação realizada como sentido, ação pensada, refletida, apoiada em significações construídas, explicitadas e assumidas pelos sujeitos envolvidos.

3.2. Breve histórico do novo Coronavírus – COVID-19

Conforme pesquisa para saber do início em que se registram a contaminação pelo Corona-vírus o novo COVID – 19 encontramos algumas informações importantes. Verificamos o seguinte:

Em 29 de dezembro de 2019, um hospital em Wuhan admitiu quatro pessoas com pneumonia e reconheceu que as quatro haviam trabalhado no Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Huanan, que vende aves vivas, produtos aquáticos e vários tipos de animais selvagens ao público. O hospital relatou essa ocorrência ao Centro de Controle de Doenças (CDC-China) e os epidemiologistas de campo da China (FETP-China) encontraram pacientes adicionais vinculados ao mercado e, em 30 de dezembro, as autoridades de saúde da província de Hubei notificaram esse cluster ao CDC da China. (BRASIL, 2020, p.4)

A COVID-19 é uma doença transmitida pelo Corona-vírus, denominado SARS-CoV-2, transmitido de pessoa a pessoa, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório.

Em 30 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, que o surto da doença causada pelo novo Corona vírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.

3.3. Desafios da educação, durante o período das aulas remotas

Logo após o dia 18 de março de 2020, o ano letivo das instituições públicas e privadas se modificaram por completo. A Pandemia se alastra pelo Brasil. Os governos Estaduais e Municipais se veem obrigados a tomarem medidas de Isolamento Social para assim evitar um maior colapso no Sistema Único de Saúde e ao mesmo tempo impedir a contaminação das pessoas por aglomeração.

O Governo Federal relutou em promover o isolamento social, fechando as repartições públicas de ensino. Apenas em 03 de abril de 2020 o MEC publicou no Diário Oficial da União a Portaria de N. 376 de 06 de abril de 2020 que “dispõe sobre as aulas nos cursos de educação profissional técnica de nível médio, enquanto durar a situação de pandemia do novo Corona vírus - Covid-19”. Essa portaria, suspende as aulas presenciais, pelas medidas de não contaminação das pessoas, mas percebe que não estão preocupados com a Pandemia, e sim com a continuidade das aulas, com isso criando mecanismo para que as aulas não parem, autorizando assim o sistema remoto, conforme artigos expostos desta própria resolução:

Art. 1º As instituições integrantes do sistema federal de ensino de que trata o art. 16 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 20 da Lei nº 12.513, 26 de outubro de 2011, ficam autorizadas, em caráter excepcional, quanto aos cursos de educação profissional técnica de nível médio em andamento, a suspender as aulas presenciais ou substituí-las por atividades não presenciais, por até sessenta dias, prorrogáveis, a depender de orientação do Ministério da Saúde e dos órgãos de saúde estaduais, municipais e distrital, na forma desta Portaria.

Art. 2º As instituições de ensino de que trata o art. 1º que optarem pela suspensão das aulas presenciais deverão repô-las integralmente para cumprimento da carga horária total estabelecida no plano de curso aprovado pelo respectivo órgão competente.

Parágrafo único. As instituições que optarem por suspender as aulas poderão alterar seu calendário, inclusive o de recessos e de férias. (DOU, Portaria de N. 376 de 06 de abril de 2020. Grifos nossos)

Caminhando nesta mesma direção, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou no dia 28 de abril de 2020, por unanimidade, as diretrizes para orientar as escolas de educação básica e instituições de ensino superior durante o período da Pandemia pelo COVID-19. O parecer, elaborado com a colaboração do Ministério da Educação, vai na contramão da realidade vivida por inúmeras famílias que estão sendo prejudicadas economicamente por conta da pandemia.

Ao observarmos as diretrizes percebemos que eles imaginam uma educação a distância de país de primeiro mundo, onde acreditam que tanto a educação básica como

as universidades estejam funcionando normalmente. Por meios de aulas remotas, a vida segue, esquecendo os grandes problemas enfrentados pelas famílias brasileiras por conta da economia. Desta forma percebemos as ações do neoliberalismo na atualidade em que não há um investimento de qualidade do governo na educação pública. Por isso que esse documento do CNE foi tão esperado. Mas causou perplexidade o documento que cobra que todas as escolas e universidades realizem ensino remoto massivo. Porém, nada é mais “destruidor” na educação do que esse sistema remoto que exclui grande maioria dos estudantes que não possuem o mínimo para realizar essas aulas remotas.

Por que medidas não foram tomadas tanto pelo MEC como pelo CNE para facilitar as aulas remotas? Com políticas públicas para assim diminuir a exclusão das aulas remotas. avançar em políticas que favorecessem o acesso à internet e aos meios tecnológicos, para que as crianças e jovens pudessem ter acesso a tecnologia, pela arte e a cultura em todas suas dimensões.

Se por um lado não houve investimento que promovesse a inclusão da aula remota para os estudantes da educação básica, para os professores muito pior. Caberia ao CNE, igualmente, organizar as condições de trabalho dos docentes, visto que milhares que possuem contratos precários estão sendo demitidos. Justamente quando mais necessitaremos de professores qualificados os sistemas estão demitindo muitos milhares. Infelizmente, o problema parece não ter sensibilizado o CNE. E o pior, essa pandemia veio nos mostrar enquanto o investimento dos profissionais da educação básica é quase nenhum. Os professores de “quadros e livros” tiveram que se adaptar a essas aulas remotas para não serem prejudicados.

Com essas determinações do MEC e do CNE os Estados e Municípios tiveram que publicar normativas para as aulas durante esse período da pandemia. A exemplo do Estado da Paraíba, no dia 20 de abril por transmissão ao vivo na rede social Instagram, o Secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT), Cláudio Furtado, apresentou as estratégias de implantação do Regime Especial de Ensino publicado no Diário Oficial do Estado em 18 de abril de 2020. O Regime Especial foi estabelecido na Portaria nº 418 diante da suspensão de aulas presenciais como medida restritiva que visa conter a disseminação do novo Corona-vírus na Paraíba, e vai vigorar por todo o período em que as aulas presenciais estiverem suspensas. O calendário do ano letivo será estabelecido com o retorno das aulas presenciais.

Nesta mesma transmissão o secretário apresentou medidas para as aulas remotas, iniciando com um cronograma em que durante um período de 7 dias, de 20 a 27 de abril,

os professores iniciarão segundo o secretário, uma formação remota para estarem aptos a utilizar os mecanismos tecnológicos. Pois as aulas teriam previsão de início no dia 27 de abril. As ferramentas utilizadas para utilização das aulas remotas: Plataforma Paraíba Educa, *Google Classroom*, vídeo aulas e redes sociais. Porém, além desses 7 dias de formação docente, não se teve nenhum outro benefício para os professores para a preparação dessas aulas remotas. Nenhum investimento material foi providenciado para os professores, além de um tempo curto de formação. Grande parte dos docentes não possuíam domínios sobre as ferramentas utilizadas.

4. METODOLOGIA

4.1. Tipo de Estudo

O presente estudo caracteriza-se inicialmente por ser uma pesquisa qualitativa, que, opõe-se ao pressuposto de que esse é um modelo único de pesquisa para todas as ciências sociais, tem suas especificidades, o que pressupõe uma metodologia própria. De acordo com Gil:

O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. [...] pode-se, por tanto, definir pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social (GIL, 2007, p. 43).

Dessa forma, trata-se de uma pesquisa aplicada, buscando a identificação das dificuldades apresentadas durante as aulas remotas tanto pelos docentes como pelos discentes, cujo objetivo, é refletir como os docentes foram treinados e como os equipamentos ajudaram para desenvolverem as aulas remotas. Por outro lado, observando as dificuldades dos alunos para desenvolverem tais atividades.

Para Dermeval Saviani, a teoria do capital humano adquiriu roupagens novas decorrentes das transformações econômicas, políticas e culturais propiciadas pelo processo de mundialização.

Nesse novo contexto não se trata mais da iniciativa do Estado e das instâncias de planejamento visando assegurar, nas escolas, a preparação da mão de obra para ocupar postos de trabalho definidos num mercado que se expandia em direção ao pleno emprego. Agora é o indivíduo que terá que exercer sua capacidade de escolha visando adquirir os meios que lhe permitam ser competitivo no mercado de trabalho. E o que ele pode esperar das oportunidades escolares já não é o acesso ao emprego, mas apenas a conquista do status de empregabilidade. A educação passa a ser entendida como um

investimento em capital humano individual que habilita as pessoas para a competição pelos empregos disponíveis (SAVIANI, 2000, p. 21).

Quanto aos procedimentos técnicos, utilizou-se a técnica da interpretação do questionário aplicado, acompanhando as respostas e as descrevendo sem interferir com elas (Haguette, 2000). E de dados bibliográficos a fim de subsidiar a base teórica sobre o tema proposto. A pesquisa se deu através de um Estudo de Caso, onde a mesma está direcionada a apenas uma situação.

4.2. Coleta de dados

Esta pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública, no município de Matinhas - PB, que tem como nome, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, Desembargador Arthur Virgínio de Moura. Esta escola atende alunos do Ensino Fundamental II e Médio. Na referida escola funcionam dez turmas, sendo 4 salas relativas ao Ensino Fundamental II, no período matutino, e 3 Salas referente ao Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano), no período vespertino, que é a base de estudo dessa pesquisa referente aos alunos. Ensino Médio com o 1º Ano com 42 alunos, 2º ano com 27 alunos e 3º ano com 31 alunos, distribuídos da seguinte forma: São 18 professores, uma diretora, uma vice-diretora, uma secretária, 2 merendeiras, 2 auxiliares de serviços, um porteiro, um vigia, um inspetor e uma auxiliar de secretaria.

Atribuiu-se a partir de então, situações pertinentes por conta da pandemia do COVID-19 um questionário aplicado através de um link produzido pelo *Google Forms*, fornecido para os alunos do ensino médio do turno tarde, através do grupo de *WhatsApp* e postado na plataforma do *Google Classroom*. Como também outro questionário encaminhado para os professores responderem através de outro *link* produzido pela plataforma do *Google Classroom*.

Com base no desenvolvimento desse trabalho, é uma pesquisa interpretativa em que buscamos compreender as relações entre ensino e aprendizagem em um período em que tanto os docentes como os discentes foram pegos de surpresa. Segundo Fonseca:

O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33)

Portanto, buscar-se-á campo para investigar como é desenvolvido o processo de formação do professor e da inclusão do aluno neste sistema remoto de ensino, observando se realmente o ideal e o real caminham juntos na mediação do professor. E assim, visamos atingir o objetivo proposto diante da inclusão através dos mecanismos tecnológicos.

4.3. Procedimentos e instrumentos da pesquisa

Sendo uma pesquisa que adota mais de um procedimento técnico, no primeiro momento, parte-se de um referencial teórico extraído das fontes bibliográficas disponíveis, a fim de se obter uma visão geral sobre o tema proposto. Em um segundo momento, a pesquisa se utilizará da aplicação de um questionário estruturado, com uma lista de questões pré-elaboradas a partir de fundamentos que remetem questões a respeito das aulas remotas tanto no que diz respeito aos professores enquanto formações e utilização de conhecimento de ferramentas digitais, como para os alunos as dificuldades de aprender com tecnologias até então desconhecidas.

Primeiramente, a pesquisa aconteceu a partir de um questionário para os professores da referida escola, contendo 9 questões de marcar e duas questões abertas e um outro questionário com 11 questões para os alunos, sendo 9 de marcar e 2 questões abertas.

5. ANÁLISE DE DADOS

Todos os dados obtidos tiveram autorização e foram respeitados diante da ética para com seres humanos, de acordo com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, considerando aspectos éticos apropriados a pesquisa. A coleta de dados se deu através da permissão dada pela gestão da Escola Estadual de E. F. e M. D. Arthur Virgínio de Moura e também dos professores que responderam à pesquisa. A entrevista foi respondida pelos indivíduos que concordaram em participar da pesquisa, conscientes de que colaborariam com o desenvolvimento de um estudo, mostrando assim o quanto é importante e necessário uma formação continuada que favoreça esse processo de ensino para com o aluno nessa relação de que se deve se preocupar com formações que inove o processo de ensino aprendizagem. Carvalho (2010) nos aponta a seguinte questão sobre a formação continuada dos professores:

Convém trazer para discussão o sentido e o significado da formação continuada que a coloca, apenas, restrita aos cursos oferecidos aos professores para se atualizarem. Reconheço que eles são necessários, que trazem muitas informações e novas teorias, mas a experiência mostra que se tornam insuficientes se não houver, como rotina das escolas, encontros de estudos e de discussão sobre o fazer pedagógico, envolvendo a comunidade escolar (CARVALHO, 2010, p. 161).

Para a análise de dados, no que se refere aos questionários produzidos para obter as informações durante o período das aulas remotas, foram desenvolvidos dois questionários: Um para os professores e outro para os alunos, conforme apresentado anteriormente. Selecionamos os alunos do Ensino médio da tarde do 1º ao 3º ano. No turno da tarde, a quantidade de 100 alunos no total, porém os que tiveram condições e interesse de responder foram 38 alunos. Tirando um tempinho para acessar o *link* e responder as questões. Desses 38 alunos, dois enviaram por via *whatsApp*, pois não possuíam dados de internet suficiente para acessar o *link*. Na integra foram respondidos via *link*. Conforme informado anteriormente, aqueles alunos que tivessem dificuldades de responder, me procurassem no privado via telefone para tentar facilitar o acesso ao questionário.

No que se refere ao questionário dos professores, o mesmo foi disponibilizado pelo link do *Google Forms* com as questões propostas na plataforma do *WhatsApp*. Dos 18 professores que lecionam na referida escola, obtivemos as respostas de 14 docentes que contribuíram com a referida pesquisa.

Legitimamos a importância da produção desses questionários tanto para os alunos como para os professores, tendo em vista observarmos as dificuldades da utilização das aulas remotas pela falta de formação anterior a pandemia.

5.1. Análise de dados: questionário dos docentes

Conforme apresentamos nas discussões sobre a importância da interação do professor com os alunos, no que se refere aos meios de promover o conhecimento, observamos que essa promoção se dá no âmbito de toda “ciência”, disciplina, ou melhor, área de conhecimento. Este questionário proposto, não se limitou a apenas a professores da área de Filosofia, mas de todas as áreas. Abaixo, no primeiro gráfico, sintetizamos como ficou a participação por áreas:

1) Qual a sua área de conhecimento?

14 respostas

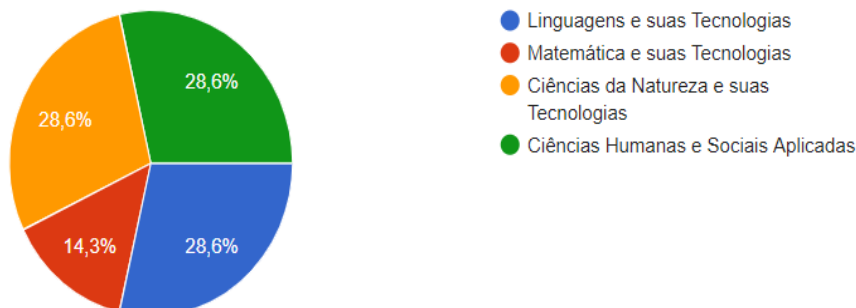


Gráfico: 1 retirado do questionário do Google forms, (<https://forms.gle/NDRhkpaKYob6NB2J7>) questões produzida pelo autor.

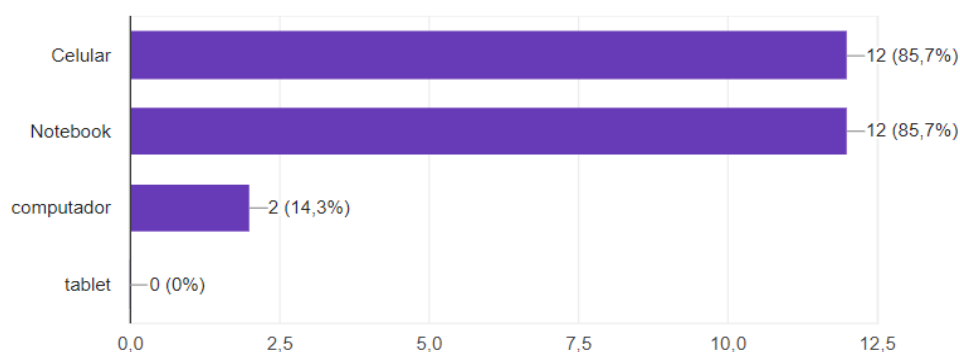
Neste primeiro gráfico apresentando as áreas de conhecimento do Ensino Médio, foram 14 professores que responderam o questionário: 04 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (dois professores de Filosofia); 04 professores da áreas de Linguagens e suas tecnologias; 04 da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias e 2 professores da área de Matemática e suas tecnologias. Todas as áreas estão envolvidas para relatar a sua experiência sobre as aulas remotas. Pois é a partir dessa interação que fomos criando caminhos epistêmicos e metodológicos como forma de compreender e enriquecer os conhecimentos sobre as mais diversas áreas do saber. Assim,

O professor, na perspectiva da interdisciplinaridade, não é um mero repassador de conhecimentos, mas é reconstrutor juntamente com seus alunos; o professor é, conseqüentemente, um pesquisador que possibilita aos alunos, também, a prática da pesquisa. A problematização como metodologia para a reconstrução de construtos dá condições ao aluno de mover-se no âmbito das teorias, das diferentes áreas do saber, construindo a teia de relações que vai torná-lo autônomo diante da autoridade do saber. O professor pesquisador constituiu-se, portanto, em agente necessário de uma formação calcada na interdisciplinaridade (TOMAZETTI, 1998, p. 13).

Duas questões pertinentes sobre o questionário, a 2 e a 4, são vistas a partir da utilização dos mecanismos tecnológicos em que os docentes podem ou não utilizar nas aulas. A primeira, no tocante aos aparelhos que os mesmos possuem e a outra se teria internet adequada para poder utilizar esses equipamentos para a utilização das aulas remotas, tendo em vista a pandemia ter pegos todos de supressa, porem a luta pela qualidade do ensino e de investimento não foi de agora. Observemos então os gráficos 2 e 3:

2) Quais os equipamentos que você utiliza para ter acesso as plataformas das aulas remotas:

14 respostas



4) Qual o tipo de internet utilizada para acesso as plataformas remotas?

14 respostas

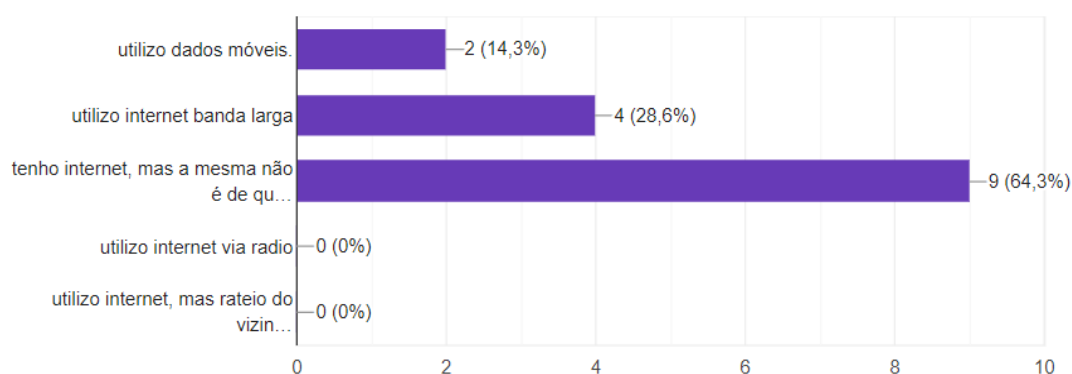


Gráfico 2, referente a questão 2. Gráfico 3 referente a questão 4: questionário do Google forms, (<https://forms.gle/NDRhkpaKYob6NB2J7>) questões produzida pelo autor.

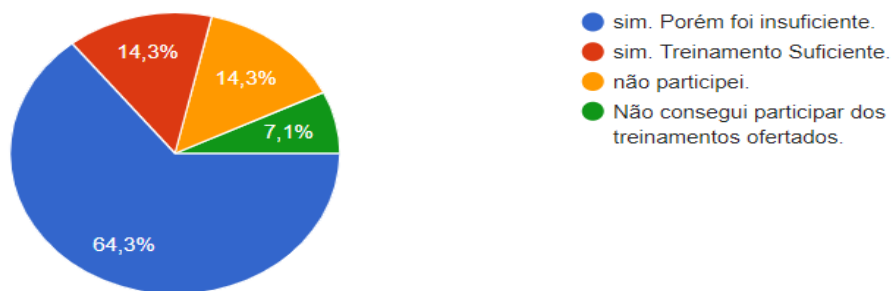
Como observamos, nos dois gráficos existem por parte dos docentes o mínimo para o planejamento de uma aula remota, todos possuem no mínimo um celular e outro equipamento como notebook ou computador. Esses gráficos se referem as respostas de uma forma geral, porém nas respostas individuais, confirma essa informação. No entanto, nenhum desses equipamentos foram disponibilizados pelo o Estado ou Governo Federal. Eles deveriam perceber que temos que cuidar do professor, pois todas as mudanças só entram bem na escola se entrarem pelo professor (...). Não há como substituir o professor. Ele é a tecnologia das tecnologias, e deve se portar como tal. (Demo 2008 Apud ANDRADE, p.16) O grande problema dificultando as aulas online com utilização de

produção de vídeos está relacionada conforme gráfico 3 a péssima qualidade da internet. 09 professores dos 14 pertencentes a escola, possuem a internet de péssima qualidade.

Os gráficos que veremos abaixo são gritantes no que se refere a formação docente para produzirem aulas remotas. Como sabemos, o baixo ou quase nenhum investimento de utilização de tecnologias só não levou ao fracasso total das aulas durante a pandemia, porque os professores tentaram sobressair com as dificuldades do momento, dobrando a sua carga horária de pesquisa e mais pesquisa de como elaborar essas aulas, pois como informado, uma formação de 7 a 10 dias online é insuficiente para aprendemos a utilizar os equipamentos e plataformas.

5) Você participou de algum treinamento online para utilização das plataformas (aula remota)?

14 respostas



6) Você teve dificuldade em preparar as aulas remotas?

14 respostas

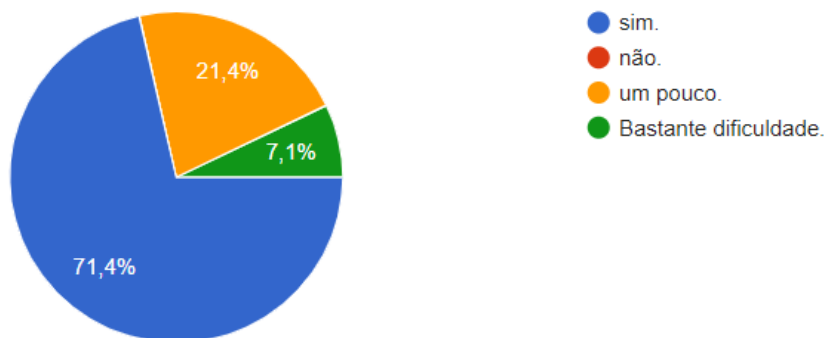


Gráfico 4, referente a questão 5. Gráfico 5 referente a questão 6: questionário do Google forms, (<https://forms.gle/NDRhkpaKYob6NB2J7>) questões produzida pelo autor.

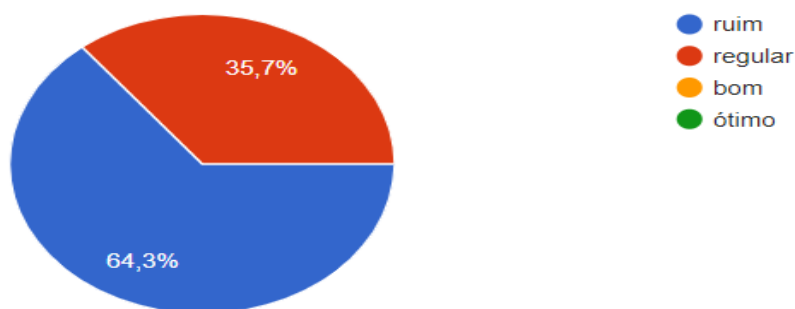
Observamos no gráfico 4 que 78,6% de professores participaram da formação promovida pelo Governo do Estado da Paraíba – Secretaria de Educação. No entanto, 64,3% afirmam que o treinamento foi insuficiente e o pior 21,4 não participou da

formação. Porém, mesmo os que participaram ou não, conforme o gráfico 6, 100% tiveram ou um pouco de dificuldades ou bastante dificuldades. Mas que todos os pesquisados tentaram sobressair em busca de aperfeiçoar mecanismo de utilização das aulas remotas.

Diante desse novo mundo de inovações tecnológica que passa a ser implantada e utilizada em todos os segmentos da sociedade, no processo ensino-aprendizagem, esse contato pode ou auxiliar ou mesmo atrapalhar, existe a necessidade da união do útil com o agradável, que transforme o desconhecido chamado de monstro da tecnologia em ferramenta que auxilie o trabalho pedagógico e, para que estas sirvam realmente de auxílio ao processo educacional é necessário não ver essas ferramentas como máquinas para ensinar e aprender, mas como uma ferramenta pedagógica que ande paralelamente entre a educação e ambiente interativo e que juntos proporcionem aprendizagem. (SILVA, 2010 p.270-271)

7) Como você avalia a participação dos alunos nas aulas remotas.

14 respostas



11) Como você avalia as aulas remotas?

13 respostas

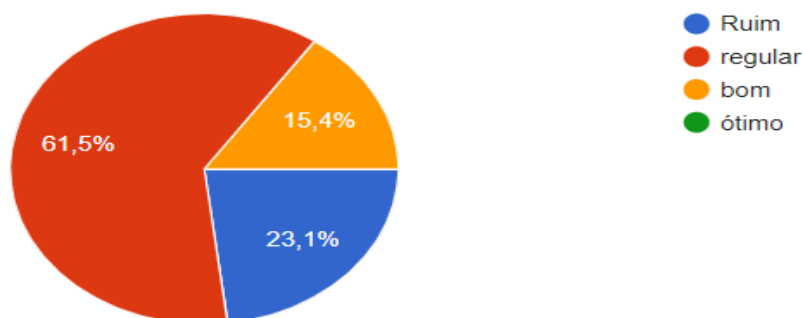


Gráfico 6, referente a questão 7. Gráfico 7 referente a questão 11: questionário do Google forms, (<https://forms.gle/NDRhkpaKYob6NB2J7>) questões produzida pelo autor.

Ao analisarmos essas duas questões apresentadas nos gráficos acima, podemos relacionar uma questão com a outra. Quando se pergunta sobre a participação dos alunos

nas aulas remotas, infelizmente nos deparamos com uma triste realidade, 64,3% dos professores consideram ruim essa participação. E 35,7% consideram regular. Quais os motivos dessa tão fraca participação dos alunos nas aulas remotas. No próximo tópico analisaremos essas dificuldades dos alunos que dificultam a participação deles nas aulas online. E quando perguntamos como você avalia as aulas remotas? Gráfico 7 nos deparamos com 61,5% considerando regular e 23,1% ruim. Dois grandes motivos para essa não aceitação, em conversas com os professores, nos deparamos com o apontamento de que, primeiro, pelo domínio das tecnologias por falta de formações adequadas e segundo, pela falta da participação dos alunos na plataforma.

Consideramos o professor audacioso, mesmo com tantas dificuldades apresentadas, onde o professor encontra-se em isolamento social, sem poder sair de casa. Conforme o gráfico abaixo, 42,9% utilizariam o sistema remoto, as novas tecnologias pós pandemia e 35,7% talvez. Acredito que mais da metade dos professores desta instituição analisada, continuariam a renovar o sistema de ensino aprendizagem.

8) Esse novo sistema de utilização das aulas remotas você utilizaria após a Pandemia?

14 respostas

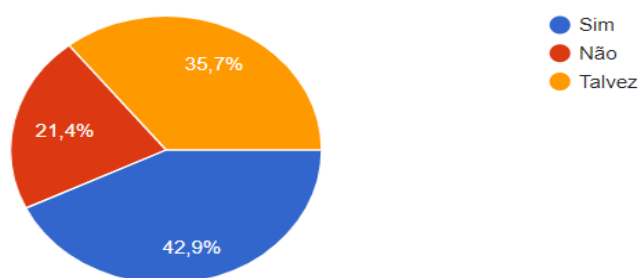


Gráfico 8 referente a questão 8: questionário do Google forms, (<https://forms.gle/NDRhkpaKYob6NB2J7>) questões produzida pelo autor.

Na análise referente ao questionário dos professores, fizemos duas perguntas abertas em que a 10ª tem a seguinte redação: “Gostaria que você professor(a) comentasse, se nesse processo de aulas remotas ocorreu interação no ensino aprendizagem?” selecionamos algumas respostas, e iremos identificar o professor(a) pela ordem de numeração das respostas.

Não, as aulas remotas não possibilitam o mesmo contato comunicativo, uma vez que na sala muito mais dúvidas podem ser solucionadas instantaneamente, já no ensino remoto as dúvidas estão ligadas a questões de dificuldade tecnológica. (Professor 6)

Vejamos outras respostas: Professor 7, mostrando a dificuldade da interação online: “Dentro de uma razoabilidade, pois ficou muito evidente a necessidade de maior interação e monitoramento aluno/professor e vice-versa”. Professor 8 com a falta de equipamentos adequados diz que: “A interação está sendo pouca. E um dos pontos que mais dificulta é a falta de equipamentos e Internet de qualidade para os alunos permanecerem on-line”. Professor 11, vejamos esse desabafo, tanto pela falta de participação dos alunos como de um plano de governo: “Muito pouco, pois a maioria dos alunos não se interessa. E não há um plano a nível nacional, estadual e municipal que vise aprendizado. Só querem manter o professor ocupado e os alunos aninhados”.

Na última questão, a 11ª, indagamos o seguinte: Você considera a precariedade nas condições de trabalho em algumas escolas, e com a Pandemia terminou em agravar ainda mais o quadro? por quê? Vejamos algumas respostas: Professor 3: “Sim, pois é uma questão de falta de investimento na área da educação! Vivemos em um processo inverso, no qual são “impostas” condições de trabalho cujas não são fornecidos subsídios para executarmos”. Professor 5: “Se na escola faltam insumos básicos como papel higiênico, nas aulas remotas a ausência de meios tecnológicos de alto custo, que são os aparelhos *smart* e o acesso à internet banda larga, alarmando, assim, a desigualdade social e a disparidade na esfera pública e privada”. Professor 7: “As escolas embora tenham feito todo o possível para atender as demandas dos alunos, esbarraram na falta de infraestrutura, na ausência de recursos e equipamentos para dar uma melhor assistência, principalmente para os alunos menos assistidos e com dificuldade socioeconômicas”. Professor 8, E por último esse desabafo da realidade dos alunos que não tem acesso a internet e vão pegar as atividades impressas na escola. “Sim. A exemplo, algumas escolas não conseguem imprimir a demanda de atividades para entregar aos estudantes sem acesso a internet, que é uma das exigências do governo (no caso das escolas estaduais), agravando a exclusão”.

5.2. Análises de dados: questionário do(a)s aluno(a)s

Iniciaremos agora, a apresentação e análise do questionário, referente aos alunos do ensino médio do turno da tarde, que responderam as questões propostas, para assim entendermos este momento em que a educação no Brasil está vivendo, em especial a escola estudada em questão. Esta referida escola está situada na área urbana da cidade de

Matinhas, porém recebe alunos tanto da área urbana como da área rural do município em questão. Inclusive recebe alunos de municípios que fazem fronteiras nas áreas rurais.

Conforme gráfico abaixo, apresentamos a quantidade de 38 alunos, que responderam o questionário. Sendo 13 do primeiro ano, 12 do segundo ano e 13 do terceiro ano. Consideramos a participação muito boa, tendo em vista as dificuldades dos alunos por conta da internet.

Sua turma?

38 respostas

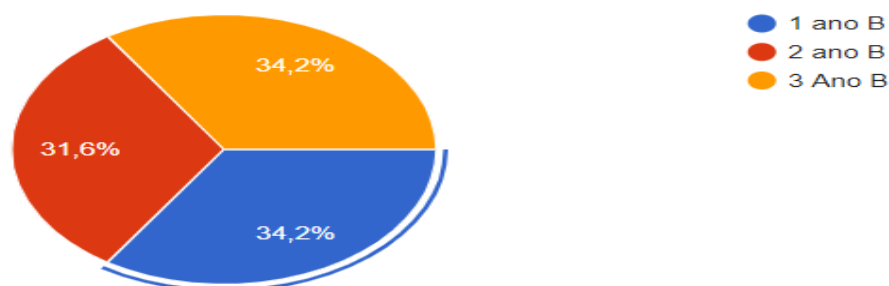
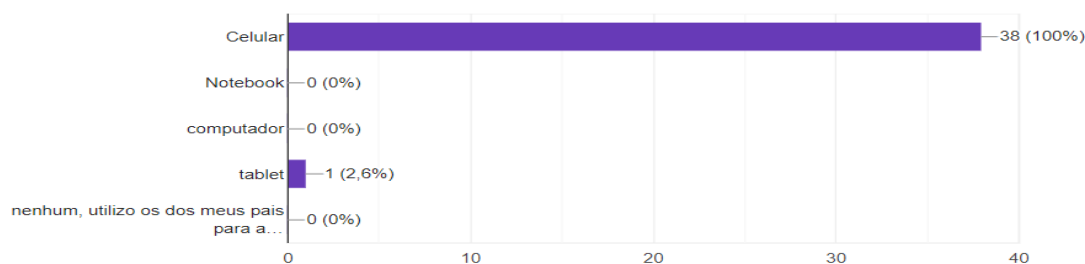


Gráfico 9 referente a identificação das turmas: questionário do Google forms, (<https://forms.gle/Vs74rzkrW4zegEQr9>) questões produzida pelo autor.

É muito preocupante a forma de acesso do alunado nas atividades propostas pelos professores, que responderam o questionário. Pois, segundo o gráfico 10 da questão 1, dos 38 alunos que responderam apenas 1 utiliza outra forma de fazer as atividades. Os 37 alunos têm acesso a plataforma exclusivamente pelo celular, que muitas vezes não possuem uma memória suficiente para facilitar a pesquisa e o *download* de material para estudo. Lembrando, nenhum desses equipamentos foram doados pelo Estado para facilitar o acesso. Quando indagamos a questão do acesso à internet apresentado no gráfico 11, questão 3, não fica muito atrás as dificuldades dos alunos em acessarem o conteúdo. Pois, 14 alunos, 36,8 utilizam dados móveis. Como grande parte deste alunado é da área rural o acesso ainda é pior.

1. Quais os equipamentos que você possui e utiliza para ter acesso as plataformas das aulas remotas?

38 respostas



3) Qual o tipo de internet utilizada para acesso as plataformas remotas?

38 respostas

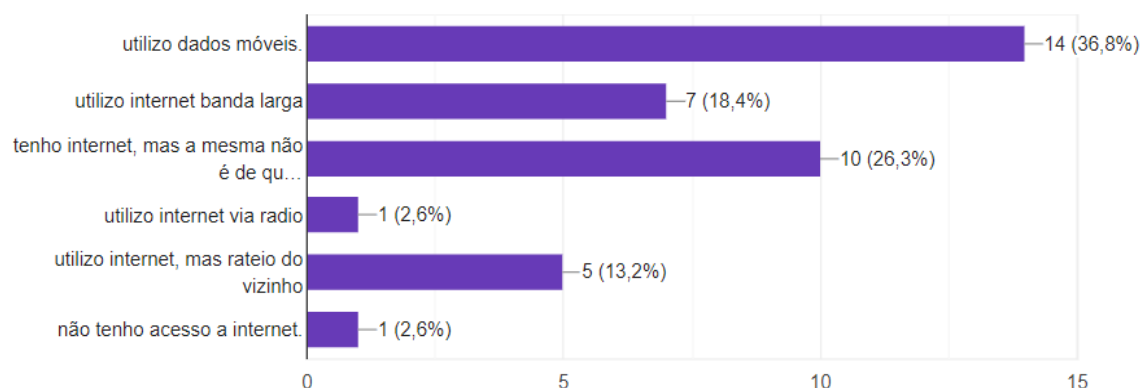


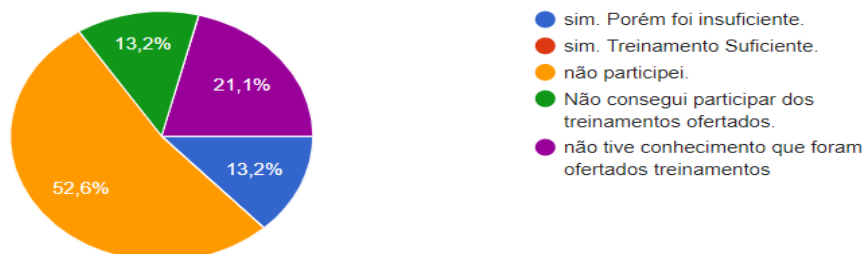
Gráfico 10 referente a questão 1. Gráfico 11 referente a questão 03 do questionário do Google forms, (<https://forms.gle/Vs74rzkrW4zegEQr9>) questões produzida pelo autor.

Em Matinhas – PB não é diferente, estamos em 2020 – e ainda há lugares onde a tecnologia não chegou. Segundo um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), apenas 44% dos moradores de áreas rurais fazem uso de internet. Nas áreas urbanas, o índice é de 70%.

Um das ações mais importantes da aprendizagem é sem dúvida a formação, que nos propicia um conhecimento aprimorado daquilo que nos é repassado. O desejo de dominação deste objeto nos torna cada vez mais capaz de dominá-lo. Porém, muitas vezes o desconhecido nos torna incapazes de enfrentá-lo. Foi o que de fato ocorreu com inúmeros alunos da rede estadual, no caso particular a Escola Estadual D. Arthur Virgínio de Moura. Pois conforme o gráfico 12 da questão 4 que apresenta a participação de alguma formação, 86,9% dos alunos não participaram ou não foram informados se houve alguma formação para a utilização das aulas remotas durante este período da pandemia. Os outros 13,2% teve alguma formação ou melhor informação ou dedicação de algum professor para ter acesso às plataformas. Nos deparamos ainda no gráfico 13 da questão 2, apenas 13,1% dos alunos pesquisados possuíam algum conhecimento das plataformas ou as utilizavam. Ou seja, a maioria não possuía domínio nenhum.

4) Você participou de algum treinamento online para utilização das plataformas (aula remota)?

38 respostas



2) Antes da Pandemia, você já tinha habilidade tecnológica dos aplicativos existentes que dão acesso as aulas remotas?

38 respostas

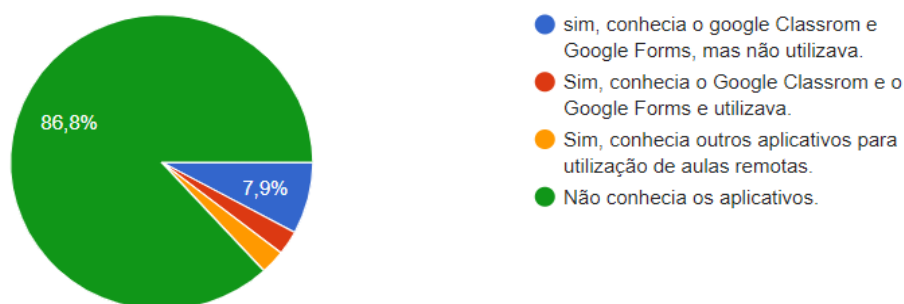


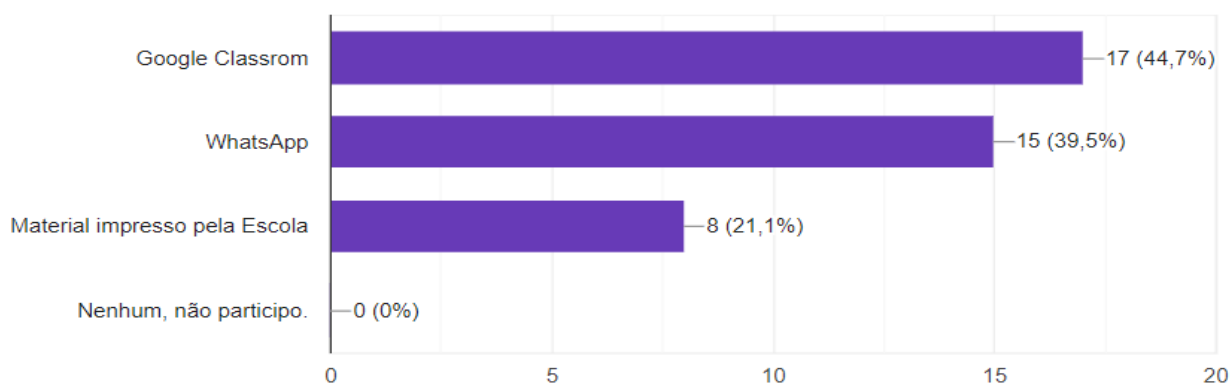
Gráfico 11 referente a questão 4. Gráfico 12 referente a questão 02 do questionário do Google forms, (<https://forms.gle/Vs74rzkrW4zegEQr9>) questões produzida pelo autor.

No tocante ao Governo do Estado da Paraíba, foi fornecida para os alunos e professores da rede, a utilização oficial da Plataforma do *Google Classroom* através de um *e-mail* institucional. Para isso disponibilizaram um *link* de acesso, tanto para um como para o outro, localizando assim, o seu *e-mail* e senha. Os professores não tiveram tantos problemas, mas no caso dos alunos foram uma “caça” ao tentar descobrir qual o *e-mail* e a senha criada para o primeiro acesso. Gratidão aos professores que se dedicaram a desvendar esse mistério de acesso. Com essa dificuldade, é o resultado do gráfico 13 abaixo da questão 5, pois vários alunos não conseguiram ter acesso ao *e-mail* institucional, utilizando assim outras formas para não perder os conteúdos postados na plataforma. A Exemplo do *WhatsApp*, neste gráfico 39,5% utilizam o mesmo para responder as atividades. E ainda tem os 21,1% dos alunos por não terem acesso a plataforma por falta internet ou *e-mail*, preferem pegar o material impresso para ter acesso

ao conteúdo e as atividades. Levando assim no gráfico 14, questão 5 a 55% dos alunos considerar o sistema de aula remota regular e 36,8% considera bom.

5) você utiliza para ter acesso as aulas remotas qual mecanismo ofertado pela escola?

38 respostas



6) como você avalia o sistema de aula remota?

38 respostas

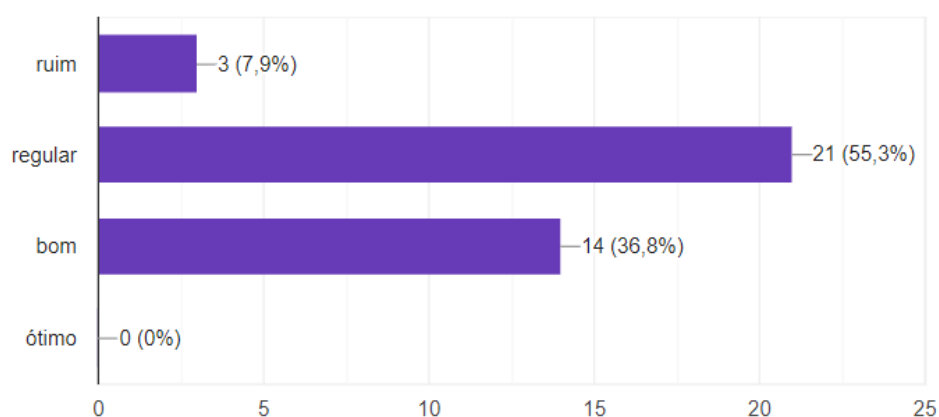


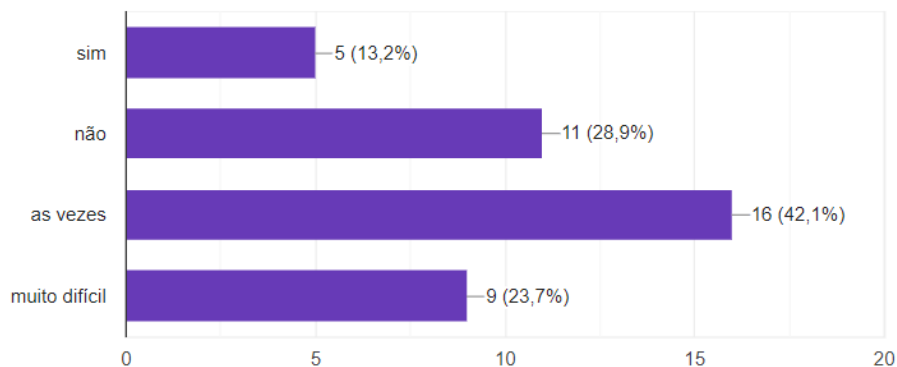
Gráfico 13 referente a questão 5. Gráfico 14 referente a questão 06 do questionário do Google forms, (<https://forms.gle/Vs74rzkrW4zegEQr9>) questões produzida pelo autor.

Ao analisarmos as atividades postadas nas plataformas do *Google Classroom* e no *WhatsApp* para aqueles que não tem acesso ao *Classroom*, observamos que são postados texto em PDF do conteúdo a ser trabalhado, disponibilizado um *link* do *Google Forms* com questões sobre o conteúdo. E vídeos do *YouTube* curtos, mas que tem relação com conteúdo estudado. Por dificuldades dos alunos ou por falta de interesse, 21,1% dos alunos, conforme gráfico 15 da questão 8, não assistem os vídeos que de certa forma ajudariam para uma compreensão do conteúdo. Outros dados importantes é a interação entre alunos e professores, apresentado no gráfico 16 da questão 9, como os professores por decisão do colegiado não utilizam aulas remotas pelo aplicativo *Google Meet*, tendo

em vista as dificuldades dos alunos por questão do acesso a internet, disponibilizaram um dia para assim tirar dúvidas do conteúdo postado. Mas a realidade é bastante preocupante, conforme o gráfico apenas 13,2 entra em contato com os professores frequentemente e 42,1% as vezes.

9) Além das aulas postadas você interagem com o professor, tirando dúvidas?

38 respostas



8) Você está de fato interagindo com o conteúdo postado, lendo os textos, assistindo vídeos e respondendo as atividades?

38 respostas

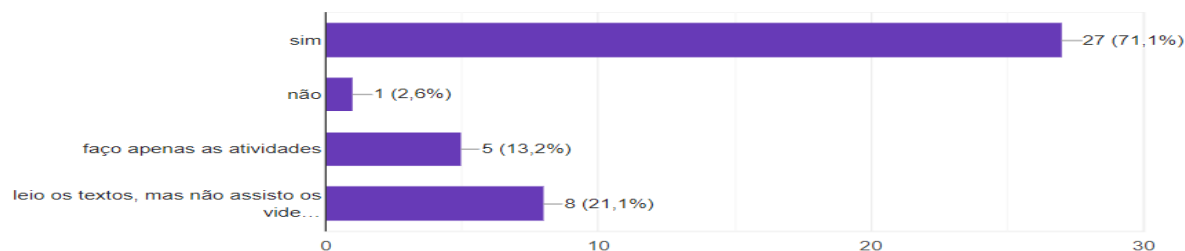


Gráfico 15 referente a questão 8. Gráfico 16 referente a questão 9 do questionário do Google forms, (<https://forms.gle/Vs74rzkrW4zegEQr9>) questões produzida pelo autor.

No questionário dos alunos colocamos também duas questões abertas com a intenção de observarmos o posicionamento deles referente ao período das aulas remotas. Não iremos adentrar do mérito de fazer comentários, pois elas já apresentam o desabafo deles referente a esse período. Identificaremos os alunos pela ordem das respostas que chegaram até nós. Referente a questão 10: Caro aluno, você agora tem a possibilidade de apresentar o seu posicionamento sobre este sistema remoto. Utilize esse espaço para apresentar os problemas e desafios. Aluno 4:

A vida de todos mudaram desde quando a pandemia começou e sabemos que mudou muito nossos estudos. Está sendo muito difícil principalmente para nós alunos e também para os professores, as aulas online ajudaram muito todos nós, pois assim não perdemos um ano de estudos, mais sabemos que com tudo

isso tem muitos alunos que não está conseguindo fazer as atividades pois não tem internet em casa e nem consegui pegar na escola. (aluno 4)

Na resposta abaixo, da questão 10, a aluna número 06 nos apresenta as dificuldades por ela em misturar o tempo de casa com o tempo da escola, e ainda auxiliar o filho nas atividades da escola, pois não teria como dividir com tanta responsabilidade.

O meu problema é de não ter muito tempo para responder as atividades apesar de ser dona de casa a minha responsabilidade é muito grande pois tenho que ajudar meu esposo a trabalhar na roça e também cuidar da casa e ainda mais tenho que ajudar meu filho a fazer as atividades dele, e assim vou respondendo um pouco das atividades a tarde pois a noite tenho um pouca de dificuldades por conta da visão. E a aparte mais difícil que eu estou encontrando e de não estar em sala de aula com o professor, pois com o professor dando explicação ficar muito melhor de se entender de que em casa fazendo as atividades sozinha , sinto falta de não estar na sala de aula mesmo com os colegas falando em voz alta e o professor explicando naquele momento eu sempre entendia alguma coisa que dava para responde as atividades (aluna 6).

Percebemos também o acúmulo de muitas atividades sem respostas dos alunos. Para termos ideia, cada professor teria que postar um material e atividade por semana para o aluno, como o aluno tem aproximadamente 10 disciplinas, então é postado 10 atividades. Vejam o relato do aluno n. 13:

Os professores passam muitas atividades e isso acaba prejudicando a gente, são muitos textos, e textos grandes que muitas vezes não entendo, e por isso não consigo realizar algumas atividades, porque com aulas normais na escola, temos um horário e o professor explica, ai podemos compreender.

Foram várias respostas da questão 10, e fizemos uma seleção levando em conta apresentar diversos aspectos do período da aula remota, respostas essas que levam a uma profunda reflexão da realidade. Assim, vejamos esse último desabafo da aluna n. 22.

Esse sistema remoto tem sim uma certa importância, mas não substitui as aulas presenciais, na minha opinião o nível de aprendizado é diminuído significativamente devido as dificuldades apresentadas nesse sistema que vão desde ao acesso à internet que muitas vezes é limitado ou inexistente, a falta de comunicação com o professor que inevitavelmente é demorada devido ao grande número de alunos que necessitam tirar dúvidas ao mesmo tempo, tem sido um grande desafio se adaptar a essa nova realidade mas eu estou fazendo tudo que posso para realizar as atividades propostas pelos professores.

Por fim, encerramos essa análise apresentando a 11ª questão: “Você acredita ser importante, após pandemia, (em um futuro retorno das aulas) a utilização dessas plataformas pelos professores no processo de ensino aprendizagem?” Dê a sua opinião.

com a seguinte resposta dos alunos colocaremos uma que representa a maioria das que foram respondidas:

Acredito ser importante sim, pois nas aulas que alguém faltar pode fazer on-line, e também se através dessas plataformas pudessem oferecer aulas, para as pessoas que trabalham e por esse motivo deixaram os estudos, para assim elas pudessem continuar e se formarem seria uma coisa maravilhosa! (aluna 14)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Filosofia não é um meio de preenchimento de vazios, mais uma disciplina no currículo que nos ajuda a sair do nosso conformismo em busca de um conhecimento maior, capaz de nos libertar dos vícios da sociedade. Por não ser algo vazio, ela traz à luz das reflexões, elementos verdadeiramente novos e necessários aos apelos da proposta pedagógica em questão, algo diferenciado sobre o processo educativo. Sua função não é meramente transmitir certos conteúdos, sua proposta é atender e despertar o desejo de conhecer nos educandos. Esta é a discussão sobre a contribuição da Filosofia na construção do pensamento crítico dos jovens, integrar a pluralidade de saberes que circulam dentro do universo escolar.

O cenário é de dificuldades, conforme observamos neste texto, de pouco ou quase nada de investimento nas políticas públicas, desencadeadas pelo forte sistema capitalista, tanto na sua fase liberal quanto na neoliberal. Em sentido oposto, várias foram as políticas que valorizaram os sistemas privados. E nessa contramão, uma maior desvalorização do que é público e do que nele contém. Sentimos na “pele” uma mecanização da educação, voltada para acompanhar as políticas capitalistas de um ensino tecnicista em que o aluno sai como produto e mão de obra para “sustento” dessas políticas.

Porém, a Filosofia de Educação é capaz de ofuscar o brilho daqueles que não acreditam no papel transformador da educação, mesmo com tantas dificuldades. É Esta Filosofia que compreende e nos ajuda a compreender que temos a capacidade de transformar a vida daqueles que necessitam da educação como forma de se libertar das amarras provocadas por este sistema capitalista, e que é tão devastador das camadas mais pobres da sociedade. Cabe aos envolvidos no processo transformador da educação buscar e ao mesmo tempo ter a capacidade de criar mecanismos que possam inovar o desejo desses jovens a adentrar no processo de construção do conhecimento. Percebemos que não podemos permanecer parado no tempo, pois, ou nos capacitamos e somos capazes de

modificar o nosso meio, ou seremos dragados pelo sistema que nos considera apenas como mais um no processo de “alienação”.

Esse conhecimento e domínio da Filosofia da Educação nos ajuda a buscar meios de como enfrentar o desconhecido. A Filosofia da Educação foi a ferramenta ou melhor o sentido de que existem várias possibilidades de transformar a vida do estudante, mesmo em tempos sombrios e vivendo um período de pandemia.

Quando observamos as dificuldades dos professores diante de uma nova realidade vivenciada por todos, onde uma pandemia é capaz de modificar a nossa realidade, nos isolando sem poder sair de casa ou até continuar a desenvolver o que estávamos realizando.

Observamos e com isso sentimos na “pele” todas as consequências provocadas pela falta de investimento na educação. Porém, mais uma vez os docentes mostraram que mesmo com todas as dificuldades da pandemia é possível fazer a educação caminhar. Fazer caminhar não foi e não é fácil, basta observar as dificuldades impostas por uma formação mínima destinada aos docentes nesse período da pandemia. Vivenciamos no passado uma educação de lápis e papel, e nesta pandemia uma grande necessidade de utilizar os equipamentos digitais para fazer chegar aos alunos esta relação de ensino aprendizagem. A análise de dados dos docentes da Escola Estadual Desembargador Virgínio de Moura nos mostrou que somos capazes de renascermos das cinzas.

Enfim, ficamos felizes com os empenhos dos alunos mesmo sem condições mínimas e passando pelas mesmas dificuldades dos docentes em não possuir formação que fossem capazes de controlar os meios tecnológicos e nem recursos para a aquisição de equipamentos. Estes alunos não escolheram a “escuridão” promovida pelo desconhecido Vírus. Buscaram aprender e interagir para não perder esse vínculo enquanto passamos por esta pandemia.

Assim, fica a certeza cada vez mais forte de que os governantes invistam mais na educação pública. Pois ainda existem, como observamos na análise de dados, muitos alunos que não tiveram nenhum acesso as aulas remotas promovidas pela instituição.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Ana Paula Rocha de. **Uso das tecnologias na educação: computador e internet.** (monografia) Universidade Estadual de Goiás. Brasília, 2011.

BALL, Stephen J. Educação Global S. A.: **novas redes de políticas e o imaginário neoliberal**. Tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa: UEPG, 2014. 270 p.

BASBAUM, Leôncio. **Sociologia do materialismo**. 3. Ed. São Paulo, Símbolo, 1978, p.21.

BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 dez. 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, n. 248, 23 dez. 1996, p. 27.833-841.

BRASIL. Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio**.

BRASIL. MEC / Portaria de N. 376 de 06 de Abril de 2020. **Dispõe sobre as aulas nos cursos de educação profissional técnica de nível médio, enquanto durar a situação de pandemia do novo Corona vírus - Covid-19**

BRASIL. Ministério da Saúde/ **Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus COVID-19** / Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública | COE-COVID-19. 1ª Edição. Brasília/DF – fevereiro de 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/**Parecer sobre reorganização dos calendários escolares e realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da covid-19**. (Documento em revisão, 29/04/20)

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação. 2010.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Projeto Político Pedagógico da Escola: fundamentos para a sua realização**. In GODOTTI, M. e ROMÃO, J.E. (orgs). Autonomia da Educação: princípios e propostas. São Paulo. Cortez, 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

PARAÍBA. Secretária de Educação. **Dispõe sobre adoção, no âmbito da rede pública estadual de ensino da Paraíba, do regime especial de ensino, como medida preventiva a disseminação do Covid19, e da outras providências**. Portaria 418 de 18 de abril de 2020

POLITZER, Georges. **Princípios fundamentais da filosofia**. São Paulo, Hemus, s/d., p.15

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)**. Tradução de Marcos Santarrita. 2. Ed. São Paulo: Companhia da letras, 1995. Pp. 13-70

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

KANT, Immanuel. . Tradução Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão. 5a . ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo. Nova Alexandria, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**/ Cipriano Carlos Luckesi. – São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

MARX, Karl. O capital – crítica da economia política. Livro 1, v. I e II. Tradução de Reginaldo Sant_anna. 15a . ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 13ª ed. São Paulo. Autores Associados, 2000.

SILVA, Luciana Pereira da: **A utilização dos Recursos Tecnológicos no Ensino Superior**. Revista Olhar Científico – Faculdades Associadas de Ariquemes – V. 01, n.2, Ago./Dez. 2010

TOMAZETTI, E. **Estrutura conceitual para uma abordagem do significado da interdisciplinaridade: um estudo crítico**. UFSM, n. 10, p. 1-43, 1998

ZANGLELINI, Laércio. **Por que Filosofia no contexto atua? Mundo Jovem** – Um Jornal de ideias. Porto Alegre. Editora da PUCRS, nº 315, p. 9, abril 2001.

Sites pesquisados:

Ferreira, Anna Rachel. **Entenda o que muda no Conselho Nacional de Educação**. <https://novaescola.org.br/conteudo/381/entenda-oque-muda-conselho-nacional-educacao> Publicado em NOVA ESCOLA 06 de Julho | 2016, pesquisa realizada em 19 de Agosto de 2020.

MS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6100:oms-declara-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-em-relacao-a-novo-coronavirus&Itemid=812. Publicado em OPAS Brasil em 30 de Janeiro/2020 pesquisa realizada em 19 de Agosto de 2020.

APÊNDICE 1

**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA EM
BANCO DE DADOS**

Campina Grande, 18 de Agosto de 2020

Eu, Suênio Borges Santos, responsável principal pelo projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, o qual pertence ao curso de Pós Graduação : Filosofia da Educação da UEPB, venho pelo presente, solicitar autorização da Escola Estadual de E. F. e Médio Des. Arthur Virgínio de Moura, no setor do ensino Médio do Turno Tarde, para realização da coleta de dados através de pesquisa online utilizando o Google Forms (questionário), no período de 18 a 25 de agosto de 2020 para o trabalho de pesquisa sob o título: **O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS REMOTOS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL**, com o objetivo de analisar as dificuldades e desafios da aprendizagem durante o período da Pandemia. Esta pesquisa está sendo orientada pelo Professor Dr. Valmir Pereira.

Contando com a autorização desta instituição, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Suênio Borges Santos

Nome e assinatura do Pesquisador Principal

RG 2229040

Prof. Dr. Valmir Pereira

Nome e assinatura do Orientador da Pesquisa

Instituição (UEPB)

Autorização da Instituição:

Prof. Dr. Des. Arthur V. Moura
Doc. 1.2169/201
Assessoria José Borges de Gusmão
Assessoria de Ensino


 Coordenador de Ensino de F. Gustavo
 UEPB - Campina Grande
 P. A. 17-21

APÊNDICE 2 (Questionário dos alunos formulado no Google Forms: <https://forms.gle/zTfweZnLpRB4ERWC6>)

Perguntas Respostas 38 Total de pontos: 0

A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, E OS DESAFIOS REMOTOS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL.

Caro(a) aluno(a),
meu nome é Suênio Borges Santos, aluno do curso de Pós Graduação do Curso de Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. estamos desenvolvendo uma pesquisa "A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, E OS DESAFIOS REMOTOS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL". A pesquisa se propõe a analisar os impactos sobre o trabalho discente na EDUCAÇÃO BÁSICA decorrentes das medidas de isolamento social em função da pandemia de COVID-19. Esta pesquisa tem como objetivo ajudar na construção do trabalho de conclusão do curso, pela orientação do Prof. Dr. Valmir Pereira.
Solicitamos-lhe sua colaboração no sentido de responder por completo a este questionário.
Agradecemos-lhe sua colaboração e disponibilidade. (A pesquisa quantitativa, o seu nome não será divulgado no artigo)

Seu nome? *

Texto de resposta curta

Sua turma? *

1 ano B

APÊNDICE 3 (Questionário dos professores formulado no Google Forms: <https://forms.gle/kwFD4WcgAUjfWy3p8>)

Perguntas Respostas 1/4 Total de pontos: 0

A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, E OS DESAFIOS REMOTOS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL.

Caro(a) professor(a),
meu nome é Suênio Borges Santos, aluno do curso de Pós Graduação do Curso de Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. estamos desenvolvendo uma pesquisa "A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, E OS DESAFIOS REMOTOS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL". A pesquisa se propõe a analisar os impactos sobre o trabalho docente na EDUCAÇÃO BÁSICA decorrentes das medidas de isolamento social em função da pandemia de COVID-19. Esta pesquisa tem como objetivo ajudar na construção do trabalho de conclusão do curso, pela orientação do Prof. Dr. Valmir Pereira.
Solicitamos-lhe sua colaboração no sentido de responder por completo a este questionário.
Agradecemos-lhe sua colaboração e disponibilidade. (A pesquisa quantitativa, o seu nome não será divulgado no artigo)

Qual o seu nome?

Texto de resposta curta

1) Qual a sua área de conhecimento? *

Linguagens e suas Tecnologias

Matemática e suas Tecnologias